

OS RITUAIS no ESPORTE

Anthony King-

Resumo

O ritual do esporte fornece um enfoque iluminador para a pesquisa sociológica porque constitui uma arena na qual relações sociais e entendimentos compartilhados são visceralmente recriados. Estas recriações não são condição para a ordem social, que existiria sem ela. Em decorrência das relações sociais, lerem uma dimensão significativa, estas relações têm que ser reconhecidas por aqueles que não são parte dela. O ritual é o espaço crítico no qual este reconhecimento comum ocorre. Em noites de inverno as cidades européias são decoradas com domos, luminosas nas quais ocorre um novo espetáculo, que torna real a ordem social contemporânea da Nova Europa, de uma forma tão poderosa como a dos combates de gladiadores que demonstravam a estrutura política do Império Romano.

Palavras-Chave

Futebol. Rituais. Liga dos Campeões.

RITUALS and SPORT

Abstract

The sporting ritual provides an illuminating focus for sociological research because it is an arena in which social relations and shared understandings are viscerally recreated. These recreations are not supererogatory to the social order which would exist without them. Because social relations have meaningful dimensions they have to be recognised by those to whom they are partly due and the ritual constitutes the critical space in which this communal recognition takes place. On winter nights European cities are seeded with domes of light in which a new spectacle takes place that realises the contemporary social order of the New Europe as powerfully as the gladiatorial combats demonstrated the political structure of the Roman Empire.

• Universidade de Exeter, Inglaterra.

Keywords

Football. Rituals. Champions League.

O Ritual

Os seres humanos são criaturas incomuns. De modo diferente dos outros animais, inclusive dos mamíferos superiores, os humanos interagem mutuamente a partir de um entendimento compartilhado. Na vida social, esse modo como um ato é comumente entendido determina o que ele é de fato. As intenções que são atribuídas a uma ação, tendo como base os significados compartilhados de um grupo, definem o que esta ação é, e o mais crucial, quais serão os seus reais efeitos sobre o grupo. Como John Searle recentemente colocou: "no tocante aos fatos sociais, a atitude que tomamos com respeito ao fenômeno, em parte constitui o fenômeno" (Searle 1995: 34). Searle observa que, pela razão de serem formados a partir das definições que lhes são imputadas, os fatos sociais "não possuem equivalente entre os fatos físicos" (Searle 1995: 34). o que chama a atenção para outro importante aspecto dos fatos sociais: "podem ser criados por expressões performativas explícitas" (Searle 1995: 34). Neste caso, a frase 'eu lhe nomeio presidente', desde que entendida por aqueles a quem está dirigida, tem um efeito decisivo no mundo social. Uma definição induz certas ações sociais e, ligado a isso, cria uma realidade social em si e por si mesma. No seu famoso tratado para uma ciência social hermenêutica *C Wittgensteiniana*, Peter Winch (1977) deu o exemplo de um ciclista, cuja mão levantada significava que ele estava dobrando à direita. O sinal era um ato físico, mas tornou-se socialmente eficaz, instruindo os motoristas a reduzir a velocidade. pela razão de ambos entenderem o que levantar a mão significava neste contexto. A relevância significativa da vida social não implica, de forma alguma, na sua redução a meras interpretações individuais. A realidade não consiste naquilo que cada indivíduo acha que ela seja, mas sim no que os membros do grupo, *jointly*, concordam que seja. As relações sociais só são o que são em virtude do que os seres humanos, engajados nestas relações, mutuamente assumem que estas sejam. O entendimento compartilhado é um aspecto crucial da interação social humana.

Se os humanos interagem entre si e executam práticas sociais a partir de entendimentos compartilhados que definem a impenitência destes atos, então os humanos, **devem** concordar publicamente a respeito destes entendimentos. Compreensões compartilhadas - as quais definem o que qualquer ato **é** de fato - não estão ligadas à biologia humana: não são instintivas. Precisam **ser** aprendidas e reaprendidas. Consequentemente, os membros de cada **grupo** social têm que confirmar os seus entendimentos mútuos de suas práticas com outros membros do grupo. Os membros do grupo têm que examinar continuamente se as interpretações que possuem de suas práticas são compartilhadas por outros. Se os entendimentos, não são compatíveis, os membros do grupo agirão de modo incompreensível para outros, o que causará a dissolução do grupo. As relações sociais persistem somente na medida em que aqueles que **estão** nelas engajados agem com si a partir de compreensões reconhecidas, mesmo **que** estas sejam frequentemente tidas como óbvias ("Taken for granted") pelos envolvidos. Durkheim, apesar de ser constantemente desacreditado pelo seu suposto objetivismo, forneceu uma das mais persuasivas explicações acerca do modo como os grupos sociais reconstituem-se a partir da reafirmação das compreensões compartilhadas que possuem de si mesmos. O seu livro *As Formas Elementares da Vida Religiosa* **é** uma análise sociológica profunda do ritual que, quase um **século** após a sua publicação, ainda fornece uma das mais ricas fontes para se compreender estes eventos sociais. Neste livro, Durkheim argumentou que o ritual sustenta a solidariedade social de clãs aborígenes na Austrália e, de certo, a solidariedade de todos os grupos sociais. Na maior parte do ano, **clãs** aborígenes se engajavam na atividade profana de caça e coleta durante a "lula" se dividiam em pequenos grupos, não obstante, periodicamente, o clã se reunisse e se engajasse em rituais extáticos nos quais veneravam o seu deus totêmico. De maneira adequada, Durkheim percebeu que, uma "e!" que o totem venerado pelos membros do clã representava seu próprio grupo social, cuja realidade **eles** sentiam de modo visceral nestes momentos de **êxtase** ritualístico, logo, nos seus rituais, quando o clã estava fisicamente reunido, o que os aborígenes veneravam era seu próprio grupo social, o clã. As sensações físicas que os aborígenes experimentavam no ritual e que atribuíam ao "seu deus eram, na verdade, o poder de seu **grupo** social que estava extaticamente acumulado ao seu redor. Certamente, eles faziam mais do que simplesmente venerar este deus social.

Por meio de sua participação nestes momentos de **elevada** efervescência coletiva, os membros do clã recriavam para si este deus, a sua sociedade. Apenas na medida em que o clã **se** reúne periodicamente **e** reafirmava a sua existência, representada pelo totem, era que este grupo existia de fato. Sem estas reuniões periódicas, onde os indivíduos que são membros de um grupo social se reconhecem mutuamente como um grupo **e** desempenham este vínculo, os grupos sociais não conseguem continuar existindo.

Uma **sociedade** não **pode se** criar nem se recriar **sem**, ao mesmo **tempo**, criar um **ideal**. Essa criação não **é** uma espécie de ato **suplementar** pelo qual a **sociedade** se completaria, talvez formada, mas o ato **pelo** qual ela se faz **e se** refaz periodicamente (Durkheim, 1996: 467).

Para Durkheim, O ritual **fixa** uma **idéia** de **sociedade** nas **mentes** **de** seus membros, **idéia** esta que **é** essencial para o **grupo** social, o qual só existe se os indivíduos reconhecem essa **idéia** e agem de formas prescritas por este entendimento comum. No entanto, este ideal não se impõe de forma inevitável ou automática sobre **os** indivíduos, como Durkheim parecia sugerir em muitos de seus primeiros trabalhos quando concedia uma existência autônoma à sociedade. Pelo contrário, este ideal tem que ser recriado pelos indivíduos e o ritual constitui o principal espaço para esta reconstrução, visto que, como Durkheim enfatiza, esta reconstrução ritualística não **é** improdutiva. **É** essencial, por conseguinte, que os indivíduos se reúnam e celebrem o pertencimento a um grupo social unificado, se o mesmo existir. A implicação **é** clara. Sem interação ritual periódica, um **grupo** social se fragmenta numa existência profana e **compartimentada**. Sem o ritual, o grupo social deixa de existir.

Os Rituais Esportivos

Uma vez que as relações **sociais** humanas são distintamente constituídas pelas próprias definições impostas sobre estas pelas pessoas envolvidas, o ritual **é** um momento essencial **e** universal da vida social humana. No seu recente trabalho sobre ritual, Rappaport (2000) analisou especificamente o papel do ritual religioso na evolução humana, argumentando de forma *durkheimiana*, que o ritual constitui o ponto central da vida social

humana **já** que pode explicar a flexibilidade adaptativa dos grupos sociais humanos. Para Rappaport, e também para Durkheim, as **relações** sociais são demonstradas indelicadamente no ritual. A participação no ritual demonstra e por si mesma as relações sociais entre as pessoas. Ao afirmar isto, o autor quer dizer **que** a mera participação num ritual compromete os membros do grupo entre si.

Por exemplo, **se** um Maring casualmente dissesse para outro ao visitá-lo, 'Eu **lhe** ajudarei quando você for **para a guerra**', não **estaria** claro **se** esta afirmação poderia **ser** tomada **como** uma declaração **vaga de uma** intenção, como uma predição do que **ele** provavelmente iria fazer, ou como uma promessa. nem muito **menos** ficaria claro o que **se quis** dizer com 'ajuda'. Dançar esta mensagem **nu**", ritual, **no** emaranhado. **loma claro para todos os participantes** que uma **promessa de** ajuda **li** assumida **e fica** convencionalmente entendido **que** esta **ajuda** implica **em** lutar. **O que** se quer dizer **é que** o ritual não **apenas assegura** a exatidão da performance, mas **também torna seus próprios** elementos performáticos explícitos (Rappaport, 2000: 116).

O ritual indica compromisso com o grupo. No entanto, em suas definições iniciais do ritual, o autor exclui os jogos como uma forma adequada de ritual pelo motivo de seus resultados serem **incertos e de** falharem. Portanto, **nos** padrões de formalidade da definição, onde os elementos do ritual **são** conhecidos e fixos. **Além** disso, uma vez que os jogos envolvem ganhadores e perdedores, eles não unificam, portanto, os grupos sociais. o que, de acordo com Rappaport, é uma **das** outras funções definidoras do ritual. A **razão** central para o desejo de Rappaport de excluir o ritual esportivo de sua análise do **ritual per se** é que **ele acredita**, provavelmente de forma acertada, que o ritual **especificamente religioso** foi fundamental no curso da evolução humana, e o seu interesse **é** de compreender como esta forma ritual influenciou a adaptação da sociedade humana. Dessa forma, é inteiramente válido que, no tocante ao seu argumento, ele deva excluir os rituais esportivos de consideração. No entanto, esta validade imediata não implica que as suas objeções ao status dos jogos como rituais sejam válidas em si mesmas. Apesar **de** os rituais religiosos certamente **buscarem** unificar

a igreja que é celebrada communalmente, a unidade da **igreja** de forma alguma envolve igualdade. Pelo contrário, a maior parte dos rituais religiosos, de forma deliberada, defende e celebra hierarquias sociais e de gênero. A divisão entre vencedor e perdedor nos rituais esportivos é apenas outra forma pela qual a hierarquia social é demonstrada, justificada e celebrada. Além disso, ainda que seja estabelecida uma hierarquia entre os times no ritual do esporte, ambos estão unificados pelos seus entendimentos acerca do que uma competição envolve e das virtudes que constituem um vencedor. A alegação de Rappaport de que a incerteza do ritual esportivo também nega a sua real condição de rito é problemática. Há muitos ritos com dimensões religiosas, tais como o Potlach ou as cerimônias do Grande Homem, aos **quais** o próprio Rappaport se refere como autênticos rituais, cujos resultados **não** são certos. Por exemplo, não está claro quem irá ser nomeado Grande Homem, antes que os sacrifícios se realizem. Além do mais, exagera-se no que diz respeito à incerteza do ritual esportivo. Apesar de ser verdade que o vencedor não é conhecido (e esta incerteza gera excitação entre os participantes), é certo que haverá um ganhador e um perdedor e os critérios de vitória e derrota sempre são formalmente conhecidos antecipadamente. O esporte é uma forma de ritual e, como tal, é parte daquele aspecto da existência humana - o ritual religioso de maneira geral - que Rappaport tão brilhante e corretamente salienta como essencial à vida social e à evolução humana.

Em oposição a Rappaport, ao lado de outros rituais com uma orientação cosmológica mais evidente, os esportes sempre constituíram um ritual social muito importante em todas as sociedades humanas (Huizinga, 1949:5), apesar desta distinção não ser tão perceptível: "Não há distinção alguma entre a delimitação de um espaço para um propósito sagrado e a sua delimitação com a finalidade de jogar" (Huizinga 1949: 20). Indícios de jogos têm sido encontrado, por arqueólogos nas **mais** antigas civilizações, e entre os bosquimanos Kung do Kalahari, antropólogos têm registrado jogos de aposta nos quais participam homens caçadores. Os esportes fornecem uma importante arena ritualística na qual os membros de qualquer grupo social podem expressar seus entendimentos e afirmar e renegociar entre si suas relações sociais. Uma **vez** que as relações sociais constituem-se a par destes entendimentos, os rituais esportivos, tal como qualquer outro ritual, não ocupam na vida humana a posição subordinada e supérflua que lhe é frequentemente atribuída. Nestes eventos as relações sociais de certos **grupos**

são reafirmadas. **e, uma vez que** estas **relações têm um aspecto econômico**, a realidade econômica **de uma** dada sociedade também é **reconstituída** no **ritual esportivo**. **Os rituais esportivos** estão ligados **de** maneira indivisível a **práticas** econômicas **entrelaçadas** em redes sociais, e **eles necessariamente** reafirmarão estas **práticas**. É um **equívoco alegar que** a realidade econômica ou o modo de **produção** determinam, de forma crua, quais **tipos** de rituais esportivos ocorrem. O ritual esportivo reafirma **as** relações **sociais que inevitavelmente envolvem** uma dimensão econômica. O **papel** central deste **evento na recriação** dos **grupos** sociais pode ser demonstrado a partir do exame de dois exemplos históricos proeminentes, o espetáculo romano e o futebol europeu contemporâneo.

Dois Exemplos Históricos

O Espetáculo Romano

Tal como **os** jogos gregos, **os combates** de gladiadores **da** Roma clássica originaram-se como um elemento de um ritual religioso maior; inicialmente eram **associados** a funerais **onde** os combates - e as subsequentes **mortes** - deveriam honrar o morto. O primeiro combate **de gladiadores** registrado **ocorreu** em 246 a.C em honra do **falecido** pai de um aristocrata. **e envolveu** apenas três pares **de gladiadores** (Hopkins 1983: 4). Ao longo dos dois **séculos** seguintes, o crescimento contínuo da **escala** e frequência **destes** espetáculos **fez** com que, em 65 a.c., Júlio César **organizasse um combate** de 320 **pares de gladiadores** num esmerado ritual funerário para seu **pai** (Hopkins 1983: 4). Desenvolvendo-se a partir **desta** origem fúnebre, os espetáculos **que** ocorriam **nos** anfiteatros da maioria **das** cidades do **império** frequentemente consistiam de três eventos: a execução **de** criminosos, na maioria das **vezes** por **animais** selvagens, a **caça** destes e, finalmente, os próprios **combates**.

Para os patrícios e, **mais** tarde, **para os imperadores**, os espetáculos das gladiaturas eram uma maneira eficaz de conquistar a boa vontade **política** da população; de fato, **em** muitas **cidades** a organização **dos** espetáculos **era** uma forma obrigatória de doação pública por parte dos ricos. **Os** aristocratas **também** empregavam os espetáculos como uma forma de afirmar a sua **superioridade** sobre os rivais patrícios, uma **vez** que a escala do evento indicava

o **seu** status. Reconhecendo a importância política **destes** acontecimentos para obter apoio popular. **Os** imperadores gradualmente **se** arrogaram o direito de realizar estes eventos. O primeiro imperador, Augusto, restringiu o número de espetáculos que **os patrícios** poderiam realizar. E como o Imperador substituiu **os patrícios** na função de principal patrocinador, **os** cspcrécutos tornaram-se mais **elaborados**, assumindo a sua forma mais acabada (Hopkins 1983: 6). Por exemplo, em 8 d.C., o imperador Tito organizou um espetáculo no qual cerca de 8 a 9 **mil** animais **exóticos** e selvagens foram mortos num único dia (Hopkins 1983: 9). Eventualmente, **os imperadores decretavam** que apenas eles poderiam **organizar estes eventos** em Roma. O monopólio do espetáculo romano pelo imperador foi uma **demonstração** indexicativa do eclipse da classe patricia e da **transformação de** uma **república oligárquica** num estado absolutista dominado **pelo** imperador e pelo exército. Agora, o populacho não demonstrava mais submissão aos patrocinadores aristocratas, **mas apenas ao imperador**,

Por **intermédio de grandes** espetáculos, que **envolviam** animais **exóticos** importados **dos limites mais distantes do império**, **os** imperadores demonstravam **sua** autoridade **absoluta** indexicamente. Durante os jogos, criminosos eram **frequentemente** jogados para anuais **selvagens** (Hopkins 1983: 11), **os** quais seriam mortos logo depois em **demonstrações** de caça no espaço da arena. **Este processo** atribuía igualmente **aos** criminosos o status de meros animais, e era uma afirmação **poderosa de hierarquia** social. O **espetáculo** romano era uma demonstração vivida da abjeção social de escravos e **criminosos** (Aguet 1984: 184; Hopkins 1983: 12). É sugestivo o fato de, **apesar** de a multidão poder suplicar pela vida de um **gladiador** que havia **lutado bastante**, a decisão de vida e **morte** como no **resto** da vida em Roma - dependia **apenas** do imperador. Os espetáculos eram eventos políticos onde o **poder** dos aristocratas e, posteriormente, **dos imperadores** era demonstrado publicamente. Desta forma, a hierarquia **social** era afirmada. **No** entanto, esta **hierarquia** podia **também** ser desafiada ou **até** mesmo subvertida, pois o espetáculo fornecia um lugar onde o populacho **podia se** reunir e tornar público o **seu** descontentamento com o imperador (Hopkins 1983: 15, 18). Em 195 d.e., apesar de Calígula, no circo das **carruagens**, ler silenciado um protesto da multidão contra os impostos com **ameaças de execução** imediata, o desprazer do povo, tangível mesmo **após**

ter sido reduzido ao silêncio pela ameaça de morte, reforçou a decisão dos conspiradores de assassinar o imperador (Hopkins 1983: 16),

Através **dos** espetáculos a hierarquia social era re-criada **publicamente** a partir da participação **auva** dos aristocratas **ou imperadores** e do **povo**. Simultaneamente, **os entendimentos** compartilhados que **sustentavam as práticas e relações sociais** da vida em Roma **também** eram mostrados publicamente. **Embora os** espetáculos **pareçam gratuitos** para **as** sensibilidades **modernas** somente alguns contemporâneos, a exemplo de Sêneca, se sentiram **preocupados** com estes **eventos** (Hopkins 1983: 3). O Império Romano foi criado **através** da força contínua das armas ao longo de **seis séculos**, e o sucesso do seu exército neste período dependia de **armas** sofisticadas, mas principalmente da brutal disciplina **imposta** sobre **os** seus soldados. **Ao passo** que **os** desertores eram **executados** sem misericórdia (Hopkins 1983: 1), as unidades com desempenho considerado **pobre** eram 'dizimadas': cada décimo soldado era retirado das tropas **e espancado** até a morte **por seus** colegas. Esta cultura marcial baseada na auto-disciplina e na violência **extrema** era comunicada graficamente através dos espetáculos. **As** gladiadoras não **apenas** valorizavam o poder militar, como também **os** gladiadores eram **treinados** a incorporar atitudes **propriamente romanas** diante da morte. Não **se** esperava que **os** gladiadores **hesitassem** diante da morte, mas **caso recebessem** do imperador ou do oficial responsável a sentença de morte, eram tremados a **se** a Joelbar **de** forma masculina diante do vitorioso, com **as mãos na coxa**, oferecendo **silenciosamente** suas gargantas **à** lâmina. **Dessa** forma, os gladiadores **incorporavam as** virtudes masculinas essenciais da cidadania romana: a **disposição, sem dúvida alguma**, de sacrificar a própria vida pelo Império. **Além disso**, isto familiarizava o povo com a morte violenta e o combate, mesmo após a imposição da paz romana. A centralidade dos combates entre gladiadores para a cultura **romana** ficou demonstrada com **Pompeia onde grafites registraram a afeição** feminina a **certos** gladiadores (Hopkins 1983: 21) e uma **garrafa de bebê** com a figura de um gladiador foi encontrada. Tem sido levantada **a hipótese** de que a garrafa indica a esperança **dos pais** de que **as** virtudes masculinas **estóicas** do gladiador **pudessem** ser passadas para a criança.

Apesar de gratuito para **sensibilidades modernas**, para a sociedade romana tal espetáculo **não** era excessivo. Era uma parte essencial desta **civilização** porque a hierarquia social e os entendimentos que **definiam as**

Anthony King

relações sociais e as práticas em Roma aconteciam na arena. A sociedade romana era periodicamente recriada na atmosfera febril da arena. Na antiga civilização romana, este evento era um ritual central, por meio do qual a hierarquia social, do Imperador aos cidadãos, até os escravos, criminosos e, finalmente, os animais, era reafirmada na arena. O Imperador demonstrava a sua autoridade absoluta e o povo se sujeitava diretamente a esta autoridade - ou a questionava - através de sua ativa participação no espetáculo. Além disso, o Imperador, os cidadãos, e até mesmo os escravos e gladiadores demonstravam um compromisso ao modo romano de viver e morrer. Os jogos comunicavam entendimentos sociais **fundamentais** e eram uma expressão da ordem social hierárquica.

O Futebol na **Europa** Hoje

Mil e quinhentos anos **após** o colapso do Império Romano, um novo esportocomeçou a se espalhar pelo continente que os Romanos dominaram por quase 600 anos, ocorrendo em muitas das cidades onde os gladiadores já lutaram. A partir do fim do século XIX, com origem na Inglaterra, o futebol se espalhou rapidamente pela Europa e tornou-se não apenas um esporte participativo, como queriam os seus criadores nas escolas privadas inglesas, **mas** um evento social importante para a crescente população urbana da época. Refletindo o apetite da nova população urbana pelo esporte de espectador, quase todos os grandes clubes de futebol europeu foram fundados no início do século XX: Real Madrid, 1902; Barcelona, 1899; AC Milan, 1899; Juventus, 1907; Bayern Munich, 1900; e o Olympic Marsille, em 1900. Do seu surgimento até 1955, estes clubes jogaram exclusivamente em ligas nacionais ou regionais, as quais ao longo do século XX tornaram-se cada vez mais profissionalizadas. No entanto, em 1955, uma nova competição europeia foi criada, na qual os campeões de cada **nação** iriam se enfrentar num torneio internacional que ficou conhecido como a Copa dos Campeões. Tal como os jogos romanos, de modo similar o espetáculo do futebol europeu tem afirmado a realidade social mais ampla na qual se realiza. Tornou-se uma arena onde certas relações e entendimentos sociais importantes tem sido indelévelmente expressos. O ritual contemporâneo do futebol europeu reflete

¹ No original: "Association Football" para **diferenciar do** "Football Rugby" (NR).

e afirma o regime social mais amplo à maneira de como os espetáculos de Roma ilustravam a hierarquia imperial.

Conforme notado por vários analistas, o processo de integração europeia pode ser apropriadamente dividido em **três** fases distintas. A partir dos anos 1950, com a fundação das três Comunidades Europeias originais, a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (ECSC), a Comunidade Europeia de Energia Atômica (Euratom) e a Comunidade Económica Europeia (EEC), e a assinatura do Tratado de Roma em 1957, a integração da Europa continuou com êxito, mas este processo não minou as soberanias nacionais. Pelo contrário, neste primeiro período a soberania do Estado-Nação foi cuidadosamente preservada (ver Milward, 1992). O momento chave foi o acordo de Luxemburgo de 1966, que permitiu a qualquer nação **se** isentar das políticas europeias se assim o quisesse. Como demonstrado por Alan Milward, os primeiros anos da integração Europeia não envolveu a capitulação da soberania do Estado da forma como os teóricos funcionalistas, a exemplo de Heas, imaginavam. Nos primeiros anos, os Estados-nação se engajaram na Integração da Europa apenas para salvaguardar a prosperidade nacional, mas em qualquer momento podiam apelar ao princípio subsidiário. Eles podiam se recusar a aceitar a legislação europeia. De forma significativa, apesar de neste primeiro momento o mercado comum ter se desenvolvido, estava limitado apenas à redução de tarifa e buscava unicamente o aumento do comércio entre fronteiras de bens de consumo. **Este** mercado comum atmejava aumentar o mercado das várias economias nacionais com orientação keynesiana. No entanto, ao abrir o mercado para bens de consumo e não para trabalho ou serviços, a soberania econômica nacional dos Estados membros não foi desafiada. A relação incorporou entre trabalho, capital e o Estado não foi ameaçada ao não expor o trabalho doméstico à competição direta internacional. Nos anos 1970, o progresso dos primeiros anos da integração europeia oscilou diante da crise econômica e do iminente **colapso** do consenso fordista em cada nação. A integração foi revigorada mais uma vez após 1986 e particularmente nos anos 1990. Medidas neoliberais que buscavam a criação de mercados realmente pan-europeus foram implementadas vigorosamente pela Comissão. A mudança para o neoliberalismo foi **exemplificada** de uma maneira mais forte pelo chamado Projeto 1992, direcionado à integração monetária da Europa e por **tratados** subsequentes em Maastricht, Amsterdam e Nice. Durante este período a Comissão promoveu de forma vigorosa uma

legislação de livre mercado que tentou aumentar a competição transnacional no interior da Europa em cada setor económico. A ideia fundamental por trás desta legislação é a de que, para a Europa competir na economia global, é necessário que desenvolva maiores concentrações de capital. Tais concentrações irão emergir através da competição transnacional que, por sua vez, forçará grandes jogadores nacionais a se unirem em sociedade com companhias de outros Estados membros para produzir multinacionais genúmenas europeias. Apesar de a Comissão ter redigido importante legislação durante os anos 1990, no momento a Europa não é um fenómeno supranacional, apesar de o mercado ter se tornado dominante e de Estados-nação terem recuado da gestão económica. A Europa ainda é dominada por estados que legislam de maneira interdependente através do Conselho de Ministros. Contudo, em contraste com o período inicial salientado por Milward, a soberania dos Estados-nação tem declinado diante das pressões do capitalismo multinacional e da política de desregulamentação promovida pelos próprios estados membros, preocupados com a baixa competitividade da Europa. Nesta Europa neo-liberal, as regiões e cidades de cada nação têm se tornado mais autónomas na atração de investimentos internos. Consequentemente, a Europa é hoje uma realidade complexa que tem sido descrita como neomedieval, no sentido de que instituições regionais, nacionais e supranacionais operam agora simultaneamente, com soberanias sobrepostas e algumas vezes conflitantes.

Tal como em Roma, o futebol europeu tem refletido e incorporado este regime social mais amplo e a sua história pode ser dividida em três períodos. No primeiro, entre 1955 e 1970, a competição europeia, da mesma forma que as Comunidades maiores, foi fundada com sucesso, mas não ameaçou as ligas nacionais. Apesar de os clubes de diferentes nações jogarem entre si, as ligas nacionais ainda estavam protegidas pela autoridade das federações nacionais, que permanecia incontestável e que era apoiada pela UEFA, a União das Associações de Futebol Europeu'. Embora as ligas da Espanha e da Itália estivessem abertas para estrangeiros nos anos 1950, a partir dos anos 1960 as ligas nacionais excluíram ou restringiram severamente o número de estrangeiros que poderiam jogar em seus clubes. Com exceção

, A UEFA foi criada em 1954. Desde essa época tem gerado um espaço para as associações de futebol europeu e organizado competições europeias.

dos times espanhóis da década de 1950, os times que competiram na Europa a partir de 1955 até os anos 1980 eram formados por jogadores nativos. O interessante é que, refletindo a constituição nacional dos times, a cobertura da imprensa via o futebol europeu como vemos internacionais nos quais os clubes **representavam**, sem problema algum, as suas nações. Dessa forma, em 1968, quando o Manchester United jogou contra o Benfica, de Portugal, em Wembley, na final da Copa dos Campeões, embora a partida fosse vista como um jogo internacional entre Inglaterra e Portugal, muitos dos jogadores do United eram na verdade escoceses ou irlandeses.

Pois **não** lenha dúvida que isto é um acontecimento nacional. É **visto** como uma vingança pela derrota de Portugal na Copa do Mundo e a humilhante derrota por 5-1 do **Benfica** contra o Manchester United... dois anos **atrás** (Green, 29 de Maio de 1968: 15).

Entre 1955 e o início dos anos 1970, o futebol europeu estava organizado sob um regime internacional no qual as diferentes ligas nacionais eram soberanas e separadas. A **competição** europeia era semelhante à Comunidade Económica em desenvolvimento, no sentido de que envolvia um crescente comércio entre fronteiras de um bem particular, as partidas de futebol, mas não de serviços ou trabalho. A base de produção ainda era nacional, mas o mercado se expandia para além das fronteiras nacionais. DO início da **década** de 1970 até a metade dos anos 1980, esta competição europeia esteve **exposta** ao hooliganismo, à corrupção e ao jogo de má qualidade, o que refletia as crises maiores do mundo pós-guerra. O futebol **europeu** atravessou seu próprio período de *euroesclerose*. No entanto, a partir de 1986, após o desastre do estádio Heysel onde 39 torcedores do Juventus' morreram num tumulto com torcedores do Liverpool, o futebol europeu começou a organizar-se numa nova base, de modo semelhante à União Europeia. O regime internacional foi gradualmente substituído a medida em que o futebol Europeu sofria uma desregulamentação semelhante à do projeto de 1992.

A desregulamentação do futebol europeu envolveu dois grandes desdobramentos. A partir do início dos anos 1980, o controle estatal

, Time italiano (NRI).

de **transmissão**, **que** havia sido hegemônico em toda a Europa na **era** do **pós-guerra**, começou a **sofrer um colapso** diante dos desenvolvimentos tecnológicos e da crescente competição. Políticas neoliberais **implementadas** em cada país **desmantelaram este sistema de transmissão estatal e facilitaram** o desenvolvimento **de** novas **redes de televisão**, transmitidas em **sua** maioria pela nova **tecnologia de** satélites e cabos. Muitos dos velhos monopólios estatais, a BBC, a ARD (Alemanha), a TFI (França), a RAI (Itália) e a TVE (Espanha) permaneceram (No **caso da** TFI, privatizada), mas tiveram que **operar em** competição **com** novas companhias privadas de transmissão por satélite. A viabilidade **destas** novas **companhias** privadas **dependia** da obtenção de programas com qualidade suficiente para **que** os telespectadores se dispusessem a pagar taxas de **assinatura** com acesso exclusivo ao conteúdo **destes** canais. O esporte, e acima de tudo o **futebol**, era reconhecido como um tipo **excelente** de conteúdo. *“Com certeza supera o cinema e tudo Omois no gênero de entretenimento e, de todos os esportes, o futebol é o número um”* [Rupert Murdoch citado em Gueslin and Law, 1997: 24]. O esporte e o futebol em particular, para usar um termo de **Murdoch**, é um “bloco” a partir do qual **novas** redes podem irromper e criar de fato **novos** mercados para **si** (Harverson, Financial Times, 16 de Outubro de 1996). Consequentemente, do final **dos anos 1980**, mas principalmente a partir do início dos anos 1990, as companhias **de** transmissão privadas, estatais ou por **satélite** disputaram violentamente os **direitos** de exclusividade ao futebol **doméstico** e europeu, **multiplicando a receita que este esporte poderia ganhar da televisão**. Este **aumento dramático da receita**, no entanto, **não** foi distribuído de maneira equitativa, **Em vez** disso, de forma consistente com a hegemonia neoliberal. Os **grandes** clubes de futebol da Europa estavam **dispostos** a exigir uma **maior parte desta receita**. Os grandes clubes atraíram as maiores audiências da televisão. A desregulamentação do **futebol** precipitou uma **rápida** **concentração de** capital financeiro e de **jogo** nos maiores clubes da Europa. Esta concentração foi acelerada dramaticamente por um segundo momento **de** desregulamentação.

A partir dos anos 1960, o futebol **europeu** foi organizado numa **base** internacional. Cada liga nacional era soberana e o mercado de jogadores **estava** limitado ou restrito a atletas nativos. A partir dos anos 1970, os maiores clubes buscaram **empregar** uma ou duas estrelas estrangeiras, de modo que a **própria** Comissão Europeia começou a **demonstrar preocupações** em torno

das restrições da UEFA no tocante a jogadores estrangeiros. **Gradualmente**, ao longo da década de 1980, sob pressão da Comissão e dos clubes, a UEFA diminuiu **as** restrições sobre jogadores estrangeiros **até** que, em 1992, três estrangeiros e dois 'assimilados' obtiveram a permissão para jogar por um clube numa competição europeia. A Comissão não estava satisfeita com este acordo e esperava por uma ação judicial que testasse a legalidade das restrições da UEFA. Esta ação finalmente ocorreu em 1995 quando um jogador belga, Jean-Marie Bosman, levou o seu clube - o Standard Liege - para a Corte Europeia de Justiça com o intuito de contestar a legalidade dos arranjos belgas de transferência. A sua transferência para o Dunkerque havia fracassado e o Standard Liege exercera o seu direito de reter os serviços de Bosman à base de 1/3 de seu pagamento normal, pois o clube não tinha intenção de **colocá-lo** em campo. Além da ação e com o apoio da Comissão e do Sindicato dos Jogadores Europeus (FIFPro), Bosman lançou uma **campanha** **às** restrições aos jogadores estrangeiros sob a alegação de que estas restrições infringiam leis europeias de livre comércio. Em dezembro de 1995, a Corte julgou a favor de Bosman. As taxas de **transferência** sem respaldo contratual foram abolidas e, além disso, restrições a jogadores estrangeiros foram banidas. O julgamento do caso Bosman aboliu todas as restrições de jogadores que fossem cidadãos de estados membros europeus. Apesar de ter sido certamente questionada, as restrições sobre jogadores Fora da União Europeia permaneceram. Ao abolir a restrição de atletas de estados membros, a nova resolução criou, de um só golpe, um mercado paneuropeu de jogadores **profissionais**. Este mercado paneuropeu inseriu os maiores clubes europeus em relações cada vez mais próximas entre si, na medida em que disputavam os melhores jogadores. Porém, ao passo que os grandes clubes desenvolviam relações cada vez mais próximas entre si, a verba não regulamentada dos direitos de televisão lhes permitia explorar este novo mercado em benefício próprio. Os clubes podiam contratar astros do futebol de qualquer parte da União e, desde 1995, os maiores clubes europeus têm conseguido criar **situações** de astros inéditas, indo além das fronteiras nacionais. Em cada país, dois ou três dentre os maiores clubes têm conseguido acumular talentos numa escala jamais conseguida. Como resultado, estes clubes têm se destacado dos seus antigos rivais domésticos ao formar uma elite europeia cada **vez** mais transnacional.

Adesregulamentação do futebol na Europa nos anos 1990 transformou a geografia deste esporte. O futebol europeu não consiste **mais** numa série de mercados nacionais separados, cada um com as **suas** hierarquias internas, dos menores aos maiores clubes. Em vez disso, há um único mercado europeu dominado pelos grandes clubes em pontos-chave de uma rede que transcende as fronteiras nacionais. Uma nova hierarquia transnacional na qual os maiores clubes são predominantes emergiu. Estes clubes competem entre si pelas estrelas no âmbito da União Europeia, causando sérias desvantagens para os clubes pequenos em suas ligas e até para clubes grandes que estejam em mercados pequenos. A exemplo do Ajax, de Amsterdã, que não estão mais protegidos do mercado transnacional. Os grandes clubes, além de recrutarem de um lado a outro da União, **também** estão desenvolvendo conexões transnacionais com o objetivo de livrar **as** suas operações neste mercado de qualquer impedimento. O Manchester United tem vínculos formais com o Royal Antwerp, o Shelbourne FC da Irlanda, o FC Fomina na África do Sul, além de dois clubes suecos, o que lhe permite usar estes clubes para reunir talento local e centros de experiência para **os** seus jovens jogadores reservas. Em 1998, o Arsenal firmou um acordo de cinco anos com o St. Etienne no qual o clube londrino investiu 3,5 milhões de francos em troca do direito de ser o primeiro a poder escolher os melhores jogadores produzidos pelo clube francês (Eastham, 1999: 72). Os principais clubes da Europa estão num processo de criação de redes transnacionais integradas verticalmente, que permitem a estes clubes compeli-los de maneira mais efetiva no mercado global de jogadores.

Ironicamente, a medida em que estes clubes se tornam mais europeus e globais na sua orientação, simultaneamente enfatizam os seus laços com a sua cidade e região com uma firmeza jamais vista, nem mesmo na era do regime internacional. Durante aquela época estes clubes recrutavam em bases nacionais, mas diante da decisão do caso Bosman e do aumento da disputa pelos melhores jogadores, os principais clubes da Europa tiveram que aprimorar **os** seus programas de treinamento de modo a **monopolizar** e desenvolver talentos locais.

Eu acho que o que Bosman nos forçou a fazer foi ampliar a rede e gastar muito mais para obter talentos mais jovens, e desenvolvê-los (Peter Kenyon, diretor executivo do

Manchester United. entrevista pessoal em 3 de Março de 2000)',

Outros grandes clubes estão desenvolvendo esquemas similares. mas também reconhecem a dificuldade de produzir talento dentro de casa,

É muito difícil para um **grande** clube produzir talento, O Manchester United **está** baseado num tipo de talento que eles acharam dentro de casa. com os irmãos Neville. Beckham, Scholes, Giggs assim vai. Nós ainda estamos dependendo de Maldini, e Albertini e Costacurta, que treinamos dez, quinze anos **atrás. Não** tem", ninguém no meio. **Não é** tão fácil... eu acho que **é** muito difícil criar um jovem talento dentro de **seu** próprio sistema (Umberto Gandini, AC Milan. entrevista pessoal em 15 de Março de 2000)

Um duplo processo está acontecendo, na medida em que ocorre uma concentração em torno de espaços-chaves no futebol europeu e novas redes transnacionais são ampliadas. De maneira significativa, a nova geografia do futebol europeu ocorre de maneira semelhante aos desenvolvimentos mais amplos da era pós-fordista, globalizada, onde as forças do capital multinacional subverteram gradualmente a antiga unidade keynesiana das economias nacionais. Os desenvolvimentos do futebol Europeu espelham os grandes processos estruturais de desenvolvimento regional e a nascente fragmentação das antigas nações unificadas. É certo que nestes processos mais amplos, a nação constitui um importante fato institucional. As ligas e federações nacionais ainda são fortes e o apoio aos times nacionais continua intenso. No entanto, os clubes estão cada vez mais fortes em relação às federações nacionais e à UEFA, do que na época anterior. Além disso, tanto as ligas nacionais como o próprio nacionalismo estão sendo reformulados diante da crescente importância dos grandes clubes. Seja no futebol ou na Europa, estamos entrando numa era de desregulamentação na qual uma nova ordem transnacional e nacional está emergindo. O futebol Europeu

• As citações **são** tiradas de entrevistas **realizadas** para o projeto 'O Futebol e a Identidade Pó - Nacional na Nova Europa', financiado pelo Economic and Social Research Council (ESRC). Ver King 2003, **que é** o livro **baseado na** pesquisa.

hoje reflete o regime econômico mais amplo no qual vivemos. Apesar disso, este regime econômico não determina de maneira simplista a forma ritual, Na verdade, o novo regime econômico é produto de relações **sociais** em transformação e do domínio de novos grupos e instituições sociais que estão engajados em certos tipos de atividade econômica. O ritual recria estas relações e instituições e, dessa forma, as práticas econômicas e relações que lhes constituem.

Corno vimos com o espetáculo romano, o ritual não reafirma meramente as relações sociais entre os grupos apenas, mas também comunica os entendimentos que constituem estas relações sociais, Em particular, nos rituais do esporte, entendimentos culturais de identidade e agência **são realizados**; na arena, os **gladiadores incorporavam as** virtudes masculinas estoicas do cidadão romano que iriam enfrentar a morte violenta de maneira resoluta. Similarmente, o futebol **européu comunica** conceitos de masculinidade: através de seu esnotodejugo, os jogadores tomam-se símbolos de peso que comunicam **as** ideias de masculinidade ao espectador. Os ideais contemporâneos de masculinidade, por outro lado, diferenciam-se marcadamente daqueles incorporados pelos gladiadores na arena. As sociedades da Europa Ocidental sofreram profundas transformações nos últimos 30 anos, deixando um regime fordista e keynesiano em direção a um modelo neoliberal e pós-fordista. Um dos aspectos centrais deste novo regime **é** a desregulamentação, que implica o recuo da Intervenção econômica do Estado. **No** lugar do Estado, corporações multinacionais **têm** exercido um domínio cada vez maior e, paralelo a isso, novos grupos profissionais têm emergido e tornado-se hegemônicos. Na era do pós-guerra, os grupos profissionais que trabalhavam na burocracia estatal, a dita **"nobreza do Estado"**, como a chamou Bourdieu (1996), era um grupo extremamente importante senão dominante em cada país europeu, Com o desgaste do Estado, esse grupo profissional tem sido gradualmente substituído por um outro grupo, do setor privado, empregado em corporações multinacionais e jogado para a frente da cena pelas forças livres do mercado. No livro *A Distinção* (1984) Bourdieu descreveu a ascensão deste grupo, definindo-o como a classe média da **"margem direita"**, Por ele, este grupo tem um elevado poder econômico e um alto capital cultural, em oposição à **elite**

intelectual do setor público definida como a da "margem esquerda", Outros sociólogos como Goldthorpe (1980), Abernombie e Urry (1983) e Savage *et al* (1992) também perceberam a ascensão deste grupo profissional, definindo-o como classe "de serviço". Como Bourdieu e outros autores notaram, este **grupo** desenvolveu um novo estilo de vida, algumas vezes chamado de "pós-moderno" (Savage *et al.* 1992: 109) que se tornou extremamente proeminente na sociedade contemporânea. No seu estudo sobre a cultura de **grupos** profissionais em indústrias de serviço financeiro na City "londrina"; McDowell analisou **os** novos **estilos** de vida **deste grupo**, assinalando a sua ênfase em práticas caras de **deleite** no trabalho e no lazer; a autora percebe que o local de trabalho era "carnavalesco", "transgredindo normas burguesas de trabalho" (McDowell 1997: 167) e **que** este **grupo** de profissionais priorizava a aparência corporal que, por sua **vez**, comunicação uma **preocupação** com um consumo sofisticado. **Este** grupo se permite um tipo de consumo extravagante e hedonista, a parir dos altos salários oriundos dos empregos privados em grandes **corporações**. Desse modo, o grupo **representa** e promove o livre mercado, mas não representa desordem social, mesmo se opondo ao controle estatal e se engajando num consumo extravagante. Pelo contrário, as formas de consumo que são praticadas **estão** cada vez mais direcionadas à família. Tanto para este grupo como para a sociedade mais ampla, a família privada tomou-se o local **chave** das atividades e do **controle social**. O que se espera dos homens é que se engajem em formas extáticas de consumo ao invés de demonstrarem **auto-disciplina** e razão. Ao mesmo tempo, o papel do homem como pai e marido tem sido enfatizado pelo fato de a **unidade** familiar **ter** se tornado tão importante. O homem ideal está totalmente incorporado **em** sua família, não como um autoritário severo, mas como um pai e um parceiro **amoroso**. É relevante o fato de Margaret Thatcher, uma figura central na promoção da transformação pós-fordista da Grã-Bretanha e uma forte apoiadora deste grupo **empreendedor** contra o *enabthmene*, tenha enfatizado também a importância da família. Para Thatcher, numa frase célebre, "não há uma coisa chamada sociedade. O que

, Em relação às margens do rio Sena, em Paris. Como **bem** alude Bourdieu, "nova classe média, com tendências políticas de direita habita (ou habita) a margem direita do Sena, enquanto os intelectuais lutando na burocracia estatal, com idéias à esquerda do espectro político, moravam (ou moram) **no lado esquerdo** do rio" (NRI-

há são indivíduos e famílias, apenas" (Morgan 1990: 440). Na sociedade pós-fordista, a família tem tido importância crescente como uma unidade social engajada em novas formas de consumo. A família tem sido útil como uma unidade de consumo por ter gerado um mercado lucrativo, apesar de sua disciplina no consumo. Ao contrário de outros **grupos**, como os homens jovens, as famílias permaneceram passivas ao se envolverem em formas potencialmente cxtáticas de consumo.

Esta nova masculinidade familiar de grupos profissionais dominantes do setor privado é demonstrada no ritual contemporâneo do futebol. Antes dos anos 1960, os jogadores de futebol profissional na Grã-Bretanha eram quase equivalentes aos grupos operários dos quais geralmente surgiam. Certamente os jogadores profissionais desfrutavam de um status maior do que o dos outros trabalhadores, e recebiam um salário um pouco maior do que o da maioria da classe trabalhadora, mas estes benefícios eram temporários e relativamente **pequenos**. Com a abolição do salário máximo em 1961, os salários do futebol profissional aumentaram drasticamente. Os jogadores rapidamente se desgarraram dos grupos operários e se tornaram uma parcela proeminente de grupos profissionais emergentes do setor privado, estreitamente ligados às elites do entretenimento e da mídia. A partir dos anos 1960, os jogadores profissionais de um lado a outro da Europa tornaram-se parte íauuc le grupo de scnus descrito como **a elite** ila "margem dneita" ou classe de serviço. Este processo tornou-se mais acentuado e acelerado a partir dos anos 1980 quando os salários aumentaram de maneira drástica, como resultado do aurnenroda renda televisiva. Os jogadores de futebol hoje na Europa representam um grupo profissional promovido pela legislação neoliberal e a **desregulamentação** do capital global. Os jogadores estrelas são extremamente ricos e vivem um estilo de vida pós-moderno, próprio da classe de serviço hegemônica. Ao mesmo tempo que se tornaram membros deste importante **grupo** de status, estreitamente ligado às corporações **multineacionais**, na década de 1990 os jogadores também transformaram-se em representantes da masculinidade familiar.

Os jogadores são agora estreitamente associados a crianças em momentos decisivos do futebol Europeu. Ante' da maioria dos jogos, os jogadores acompanham uma criança mascote até o campo de jogo. **De** fato,

nas finais da Liga dos **Campeões**⁶, dois times de mascotes vestidos com o uniforme dos finalistas acompanham um jogador do time adversário do túnel até o campo, e se alinham diante dos jogadores até que as cerimônias de **abertura** se encerrem. É importante reconhecer que a inclusão de crianças nas cerimônias de abertura das partidas da Liga dos Campeões é algo completamente novo nos anos 1990, uma vez que, antes do surgimento da Liga, os times surgiam no campo sozinhos e as breves cerimônias de abertura envolviam os dois times apenas. Uma outra coisa: antes dos jogos da Liga dos Campeões, enquanto **os jogadores se** alinham, as crianças agitam uma faixa circular decorada com uma estrela (o símbolo da Liga dos Campeões) por cima do círculo central, enquanto o tema da competição é executado. Ao ligar as estrelas masculinas do futebol às crianças, após ter coreografado as seqüências de abertura cuidadosamente, a UEFA assinala uma masculinidade familiar. Esta masculinidade tem sido demonstrada espontaneamente em **outros** lugares. No final da temporada de 1999-2000, os jogadores do Manchester United trouxeram seus filhos para o campo quando receberam o troféu, enquanto que o capitão do Chelsea, Dennis Wise, no mesmo ano, carregou **seu** filho de **seis** meses de idade ao subir os degraus de Wembley para receber o troféu da FA Cup. Desde **essa** época, este fenômeno tem sido a norma; o que se espera agora é que os jogadores devam celebrar suas vitórias com os seus filhos. Aderindo a isso, o time duplamente campeão do Arsenal, em 2002⁷, também celebrou sua vitória com os filhos dos jogadores. O status de pai tem sido cada vez mais importante para a celebridade destes jogadores e as suas celebrações paternas refletem a presença de famílias que também celebram nas arquibancadas,

David Beckham, da seleção da Inglaterra e ex-meio-campista do Manchester United, tem sido o mais óbvio símbolo desta nova masculinidade. Certamente que ele é excepcional em decorrência da sua extraordinária celebridade em **parte** devida ao seu casamento com Victoria Adams, um dos membros do grupo popular *The Spice Girls*. Ainda assim, a sua extraordinária celebridade não impede o seu uso como exemplo de

• A Liga dos Campeões substituiu a Copa dos Campeões em 1992.

⁷ Refere-se ao fato de o Arsenal ter sido campeão da Premier League da FA Cup na **mesma** temporada. O equivalente, no Brasil, seria **o mesmo time ser campeão, no mesmo ano, da Copa do Brasil e do Campeonato Brasileiro** (NR).

algo maior. Pelo contrário. Bcckham tomou-se uma figura global porque ele incorpora muito bem os ideais da nova masculinidade familiar da elite do sector privado. Ele é bonito, talentoso, bem sucedido e, como resultado do seu emprego profissional, extremamente rico. Bcckham é um profissional disciplinado que é dedicado ao seu trabalho, ao mesmo tempo em que, na sua vida privada, ele tem sido um símbolo poderoso da paternidade contemporânea. A sua representação exclusiva é a de um marido fiel e um pai dedicados. Num contraste interessante com as frequentes razões para ausência (álcool e aventuras sexuais) entre os jogadores britânicos, a única falta de Bcckham com o seu clube ocorreu quando ele faltou uma sessão de treinamento porque estava cuidando de seu filho doente. De modo característico, ao descrever seu relacionamento cuidadoso com sua esposa e filho, Bcckham declarou. "Não tenho medo de meu lado feminino e acho que muitas das coisas que eu faço surgem deste lado do meu caráter" [Lemos. 2002]". Apesar de ser apenas uma frase coloquial, o conceito de ter um lado feminino é interessante. Nas suas discussões acerca das formas de masculinidade que se tornaram hegemônicas na Europa dos séculos XIX e XX, Mosse (1985) e Theweleit (1987) ilustraram como esta masculinidade se opunha com rigor à feminilidade. A masculinidade seria normal e respeitável desde que se separasse e suprimisse o feminino. No seu bem conhecido estudo sobre os *Freikorps* na Alemanha da República de Weimar, Theweleit revela como os membros desta milícia concebiam a feminilidade como uma enchente que ameaçava engolfá-los e que só podia ser resistida através da estrita auto-disciplina (Theweleit. 1987). A declaração pública de Beckham de que a sua masculinidade inclui um elemento feminino é uma subversão explícita desta definição moderna de masculinidade. A sua masculinidade envolve a aceitação e até complacência do emocional e do feminino. É notável que uma recente controvérsia tenha envolvido uma foto sua vestindo um sarong - a saia masculina malaia -, demonstrando pela vestimenta sua masculinidade feminizada, e uma outra usando esmalte nas unhas (Lemos,

• O traço característico desta masculinidade familiar contrasta com as formas que alguns torcedores na Europa, acham apropriadas para demonstrar apoio ao seu time. Eles se opõem à masculinidade rural, d. Beckham e punuuvem. "A masculinidade que prioriza o sexo com mulheres e, algumas vezes, a violência contra outros torcedores.

• A revista popular de música e estilo, *The Face*, o chama de "a maior mulher, de toda a história, do esporte....

2002). É significativo que ele tenha também se tornado um ícone para os gays, além de ter ele próprio assumido a sua **posição** na subcultura gay apesar de não **ser** homossexual. A masculinidade representada por Beckham é um a transformação decisiva na **respeitabilidade** moderna. Ele é um símbolo da **condição** masculina de um novo grupo de status profissional que prioriza um estilo de vida extravagante, mas familiar. Através do ritual do esporte, certos jogadores tornam-se totens sagrados que simbolizam os valores centrais dos grupos engajados no ritual. David Beckham tornou-se um representante de um grupo de status dominante na sociedade pós-moderna, que criou uma masculinidade familiar específica para si próprio,

Conclusão

No final das *Formas Elementares*, Durkheim de forma melancólica afirma: “*Virá o dia em que nossas sociedades conhecerão de novo horas de efervescência criadora..*” (Durkheim 1996: 473), Durkheim acredita que estes momentos vitais de efervescência criadora surgirão entre os grupos profissionais que ele destaca como a única **solução** possível diante da ameaçadora anomia. O **grupo** profissional é uma importante fonte de solidariedade social nas sociedades modernas, mas Durkheim ignorou completamente um ritual público chave que **também** podia gerar horas de efervescência criadora: o esporte. É possível que ele tenha ignorado a relevância do esporte como um ritual moderno devido à relativa pouca urbanização da França. Os esportes de massas urbanas de espectadores como o futebol desenvolveram-se de maneira lenta e sem vigor na França, em comparação com outros países europeus. Como os rituais tribais de povos aborígenes, no ritual esportivo moderno alguns dos mais importantes **grupos** sociais dos quais os europeus fazem parte são reconstituídos através de sua extática participação no esporte. Conseqüentemente, o ritual do esporte fornece um enfoque iluminador para a pesquisa sociológica porque constitui uma arena na qual relações sociais e entendimentos compartilhados são visivelmente recriados. Estas recriações não são condição para a ordem social, que existiria sem elas. Em decorrência das relações **sociais** lerem uma dimensão significativa, estas relações têm que ser reconhecidas por aqueles que não são parte dela, e o ritual é o espaço crítico no qual este reconhecimento comum ocorre. Em noites de inverno as cidades européias são decoradas

Anthony King

com domes luminosos nos quais ocorre um novo espetáculo. que torna real a ordem social ~~contemporânea~~ da Nova Europa, de uma forma ~~tão~~ poderosa como a dos combates de gladiadores que demonstravam a estrutura política do Império Romano. O problema é que o espetáculo do futebol europeu tornou-se ~~tão~~ familiar que é muito fácil esquecer de sua relevância social. relegando-o a um plano de mero epifenômeno. É estranho que aquilo que aparenta ser ~~tão~~ supérfluo nas análises ásperas dos sociólogos, seja o evento mais envolvente nas vidas de milhões de europeus. Porém, enquanto o esporte for considerado uma mera forma de lazer ou um ato desnecessário de consumo, a sociologia continuará subestimando uma das instituições mais interessantes e iluminadoras da sociedade europeia de hoje.

Bibliografia

ABERCROMBIE, N & URRY, J. 1983. *Cultural labour and the middle classes*. London: George Allen and Unwin.

AUGUET, R. 1994. *Cruelty and civilisation*, London: Routledge.

BÜRDIEU, P. 1996. *The state nobility*, trans. L. Clough, Cambridge: Polity.

BÜRDIEU, P. 1984. *Distinction: a social critique of the judgment of taste*, trans. R. Nice, London: Routledge and Kegan Paul.

DURKHEIM, E. 1964. *The elementary forms of the religious life*. London: George Allen and Unwin.

EASTHAM, J. 1999. The organization of French football. In: DAUNCEY, H; HARE, G. (Orgs.), *France and the 1998 World Cup*. London: Frank Cass 1999.

GREEN, G. 1968. Portuguese rush for tickets. *The Times*; 29 Maio: 15.

GUEST, L.; LAW, P. 1997. The Television Revolution: Part 2. *World Soccer*, Fevereiro,

- HARVESON, P. 1996. h's **a** new ball **game as** takeovertalk hits fever piteh. *Financial Times*, 16 de Outubro.
- HOPKINS, K. 1983. *Death and renewal*. Cambridge: Cambridge Univesity press.
- LE MOS, G. 2002. David Beekham: She-ro, Disponível em: <httpswww.footballculture.net/players/profile_beekham.html>
- HUIZINGA, H. 1949. *Homo ludens*. London: Routledge and Kegan Paul.
- KING, A. 2003. *The European ri/uaI*. Aldersht: Ashgete.
- MCDOWELL, L. 1987. *Capilarculture*. Oxford: Blackwell.
- MILWARD, A. 1992. *The European rescue aIthe nation state*, London: Routledge.
- MORGAN, K. 1990. *The people's neace: British history 1945-89*. Oxford: Oxford University Press.
- MOSSE, G. [1985. *Nationalism and .exuelity*, Wiconsio: University of Wisconsin.
- RAPPAPORT, R. 2000. *Rnual and religion in the making Ufhumanity*, Cambridge: Cambridge University Press.
- SAVAGE, M; BARLOW, J; OICKENS, P; FELDING, T. 1992. *Property; bureaucracy and culture*. London: Routledge.
- SEARLE, J. 1995. *The social construction of reality*. Harmondsworth: Penguin.
- TAYLOR, C. 1995. Interpretation and the sciences of man. In: Taylor, C. *Philosophy and the human sciences: philosophical*. Cambridge: Cambridge University press.
- THEWELT, K. 1987. *Malefantasies*. Vol. I. Cambridge: Polity,

Anthony King

WILKINSON. L. 1975. *The Roman experience*. London: Paul Elek.

WINCH. P. 1977. *The idea of a **social science** and its relation to philosophy*,
London: Routledge and Kegan Paul.

Tradução: Eduardo Henrique A. de **Gusmão**

Revisão Técnica da Tradução: Jorge Ventura de Morais